

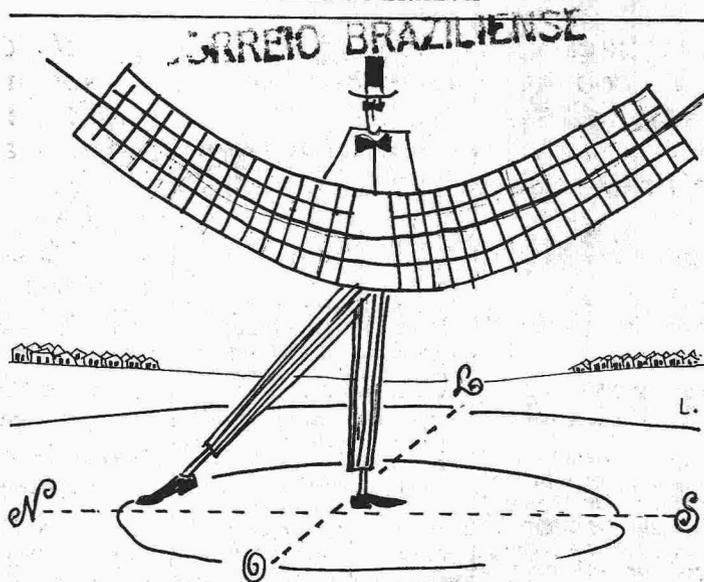
# A obsessão de Lúcio Costa

- 8 MAR 1987

- 8 MAR 1987

DF- Brasília

OSVALDO PERALVA



No esplendor de seus 84 anos, o urbanista Lúcio Costa conserva uma obsessão revelada ainda na década de 50, quando passou para o papel, com a aprovação de um júri internacional, sua concepção de Brasília como cidade democrática, onde pudessem coabitar as pessoas de alta e de baixa renda, em moradias de luxo ou modestas, todas dignas.

Quatro anos após a inauguração, a nova Capital converteu-se em sede do poder militar. Brasília teve três motivações. A dos que almejavam para sede dos Três Poderes e residência dos diplomatas estrangeiros um lugar tranqüilo, longe do burburinho das multidões, fora do alcance das pressões populares.

Essa preocupação terá tido como origem histórica o fato de que em junho de 1783 um grupo de soldados, com os soldados atrasados, invadiu Filadélfia, nos EUA, para apresentar suas queixas ao Congresso. A guerra pela independência tinha acabado, fazia pouco tempo, o erário estava vazio, a nação não dispunha de crédito e a soldadesca ficava impaciente com o atraso do pagamento. Daí a idéia de estabelecer uma capital federal, onde os legisladores e governantes pudessem trabalhar em paz. Criou-se então um Distrito Federal, Washington. Muitos propugnadores da mudança da capital brasileira evidentemente se inspiravam nesse exemplo.

Diferente era a preocupação das Forças Armadas, que viam numa possível transferência da capital do País para o Planalto Central um meio de promover a integração econômica nacional e a real ocupação do território pátrio, alvo de cobiça estrangeira.

O fundador de Brasília, Juscelino Kubitschek, aceitou o desafio da mudança da

capital, com uma visão mais abrangente. Queria mudar a capital para o centro geográfico do País, a fim de promover sua integração física e econômica, recortando-o de estradas, ensejando o encontro de todas as partes do vasto país. Além disso, queria — como confessou a Oscar Niemeyer, ao convidá-lo para a aventura da edificação de Brasília — que a nova urbe fosse digna da grandeza do Brasil. Daí haver propiciado o trabalho de Niemeyer e Lúcio, de Burle Marx e Bruno Giorgi, de Marianne Peretti e Athos Bulcão, de Ceschiatti e tantos outros. Tratava-se de edificar no ermo do Cerrado a Cidade-Monumento.

Tudo bem. Lúcio Costa e Oscar Niemeyer tinham, além disso, outra preocupação, menos socialista do que humanista, menos ideológica do que modernista. Almejavam condições para que na mesma cidade habitassem o graduado funcionário e o gari do Serviço de Lim-

peza Urbana. E nem se pode chamá-los de utópicos, porquanto eles não inovam, senão que buscam reproduzir aqui uma situação corriqueira na Escandinávia, por exemplo.

As coisas se passaram de maneira bem diferente. Terminados os canteiros de obras, os obreiros foram expulsos para as localidades mais afastadas, para o que hoje se denomina de Cidades-Satélites, onde a renda per capita é em média seis a sete vezes inferior à do núcleo central, o Plano Piloto.

Em artigo de que só tenho a memória, Lúcio Costa expôs um dia a crítica a uma deformação desnecessária. De acordo com a concepção original, os trabalhadores deveriam encontrar lugares decentes para morar, mesmo dentro do Plano Piloto. Seriam apartamentos para pessoas de baixa renda.

No obtuso entendimento dos dirigentes militares, que assaltaram o poder em 1964

sob a bandeira do anticomunismo, isso seria comunismo. Somente sob a Nova República, com o problema da moradia agravado de maneira patética, é que a voz de Lúcio Costa, como a de Niemeyer, pôde de novo ser ouvida. A idéia das superquadras para pessoas de baixa renda, ao longo das estradas em direção às Satélites, começou a ganhar forma concreta com os blocos de apartamento do Guará, já concluídos no essencial.

O Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente, do qual o próprio Lúcio Costa é membro nato, aprovou recentemente a expansão desse projeto, de modo a implementá-lo também ao longo da estrada que vai para Taguatinga. As vantagens da iniciativa são óbvias, pois se trata de aproveitar a infra-estrutura existente ao lado (luz e força, água etc.) para tornar mais exequível, porque mais barata e em menor tempo, a construção.

Pergunta-se por que, a despeito dessa obviedade, nada se havia feito antes nesse sentido, embora o problema habitacional seja dos mais agudos do Distrito Federal. Como dizia o filósofo inglês Whitehead, às vezes para descobrir o óbvio é preciso certa dose de genialidade. Foi o que sucedeu. Depois, porque a mentalidade dominante sob o regime autoritário era o de separar mais e mais a elite administrativa do Plano Piloto dos candangos braçais das Cidades-Satélites.

Agora, em sua magnífica obsessão, Lúcio Costa vai além, e apresenta seu trabalho, "Brasília Revisitada", que trata da complementação, preservação, adensamento e expansão urbana do Plano Piloto.

Mas este é assunto para outro artigo.